

4
Publicado da Revista da Sociedade Scientifica de S. Paulo

Vol. V — Janeiro-Agosto — 1910

A SUPERSTIÇÃO PAULISTANA



CONFERENCIA FEITA NA SOCIEDADE
SCIENTIFICA DE S. PAULO

POR

EDMUNDO KRUG

Socio effectivo do Instituto Historico e Geographico e da
Sociedade Scientifica de S. Paulo, socio correspondente da Sociedade de Geographia
do Rio de Janeiro, do Instituto Historico e Geographico de Nictheroy e da
Sociedade de Geographia de Lisboa, etc. etc.



S. PAULO

TYPOGRAPHIA BRASIL DE ROTHSCHILD & CIA.

Rua 15 de Novembro 30-A

1910

A SUPPLEMENTAL PAMPHLET

BY

LEWIS B. RICE

1890

Extrahido da Revista da Sociedade Scientifica de S. Paulo

Vol. V — Janeiro-Agosto — 1910

A SUPERSTIÇÃO PAULISTANA

CONFERENCIA FEITA NA SOCIEDADE
SCIENTIFICA DE S. PAULO

POR

EDMUNDO KRUG



S. PAULO

TYPOGRAPHIA BRASIL DE ROTHSCHILD & CIA.

Rua 15 de Novembro 30-A

1910

A superstição paulistana

Conferencia feita na Sociedade Scientifica de São Paulo

por

EDMUNDO KRUG

Préface

C'est avec un vif intérêt que j'ai lu la conférence de Mr. Edmundo Krug «A superstição paulistana».

Ce n'est qu'en 1846 que Thoms introduisit dans le langage scientifique le terme de Folk-Lore pour désigner la collectivité de toutes les traditions populaires, des légendes, des fables, des chansons, des proverbes et devinettes, des croyances et superstitions, des mœurs et usages. Les études à ce sujet se multiplièrent, et c'est un honneur pour notre beau pays que de figurer au premier rang pour l'étude du Folk-Lore avec les noms de José de Alencar, Celso de Magalhães, I. Antonio de Freitas, Hart, Coutinho, N. de Souza e Silva, L. Netto, Couto de Magalhães, Silvio Romero, F. I. de Santa Anna Nery et tant d'autres.

Le Brésil est un pays jeune et nous y trouvons encore les Aborigènes avec leurs rites et croyances, les Portugais et leurs descendants, les traces des Hollandais, les croyances importées par les Nègres; toutes les idées de ces différents peuples vont former peu à peu un amalgame, dans lequel il sera difficile de se retrouver.

C'est pourquoi il faut rechercher tout ce qui se trouve dans les traditions populaires, c. a. d. entreprendre le même travail que fit déjà faire Charlemagne, de réunir toutes les traditions païennes, collection perdue malheureusement par la faute de Louis le Pieux.

Pour une étude de ce genre, cependant, une activité isolée ne suffit pas; j'espère donc que tous ceux qui ont

entendu la conférence de Mr. Edmundo Krug, et les nombreux lecteurs de sa plaquette, voudront bien apporter leur concours pour un travail ultérieur, qui, nous en sommes persuadés, ne se fera pas attendre, grâce au dévouement à la science Folkloriste de l'éminent auteur.

Genève, le 4 Janvier 1909.

DR. H. NÆGELI-ÅKERBLOM

Prof. agrégé, pour l'Histoire de la Médecine
à l'Université de Genève.

* * *

Distinctos consocios!

Devo confessar que jamais fiz estudos profundos acerca do assumpto de que vou tratar. Tudo que aqui emittirei foi colhido durante as minhas excursões pelos arrabaldes de São Paulo, durante as minhas muitas viagens aos grandiosos sertões do nosso futuroso Estado e colleccionado com pessoas do meu conhecimento.

Sabem os meus amigos que sempre me interessei pelo nosso «Folk-Lore», não deixando passar oportunidade alguma da qual não me prevaleça para estudar os nossos costumes, e assim, sendo a superstição uma das partes integrantes deste attrahente assumpto, colhi a maior parte dos dados, que aqui exporei, nas cabanas dos nossos caipiras, nas senzálas dos nossos negros e mesmo junto a pessoas de elevada posição social.

A maior parte dos dados sobre a superstição pertence ao caipira. Foi principalmente á tardinha, nas poeticas cabanas dos nossos patricios, quando estes, reunidos em palestra ingenua e despretenciosa se aqueciam á suave temperatura de uns tições ou junto da tradicional fogueira de S. João, quando o estalar das bombas e o chiar dos buscapés não suffocavam a vóz do pilherico caboclo. Ahi perto da fogueira, desta fogueira que jamais adquirirá a importancia de outróra, se contavam os casos interessantes da vida diaria, commentando-os, entrelaçando-os de intriguinhas e phrases supersticiosas, ora provocando o riso deserente do mais civilisado, ora tendo observações dos mais crentes, e muitas vezes um abanar de cabeça dos indifferentes.

Não pretendo trazer cousa nova, e bem sei que meu trabalho é muito incompleto, quero sómente colleccionar dados espalhados, aproveitando a occasião para pedir aos

meus illustres consocios e demais ouvintes me quererem auxiliar em augmentar a minha pequena collecção de superstições, dando-me material para um trabalho mais extenso.

A significação da palavra superstição sabe-o o illustrado auditorio tão bem-ou melhor do que eu. Por minha vez, defino o assumpto da seguinte fórma: tudo que não pertence á verdadeira crença religiosa do paiz, tudo que não está provado scientificamente, deve ser considerado superstição.

Esta difinição, naturalmente muito relativa, é dada sob o nosso modo de encarar a questão; difinindo-a, explicando-a assim; não pretendo dizer que devemos considerar superstição aquillo que não é de nossa crença, nem tampouco usos e costumes de outras religiões; serão considerados superstições, quando, levados para o nosso meio, exija-se que entrem na série de assumptos que fazem parte dos nossos usos e costumes vulgares.

O nosso caboclo ou mesmo o sertanejo, que nem sempre é caboclo, podendo ser tambem italiano, allemão ou portuguez, é extremamente susceptível a todo e qualquer assumpto para elle inexplicavel. As cousas que elle não comprehende, vão geralmente por conta de Deus ou do Diabo. Cresce bem a roça: raras vezes attribue ao bom solo; a explicação que elle dá ao successo é: *Deus quer que assim seja*. Pragueja o feijão, as colheitas são ruins, logo o insuccesso é attribuido ás almas do outro mundo, ao demo etc.

Quando o caipira começa qualquer explicação com o *dix que*, pode-se estar certo, que na maioria das vezes é uma superstição que ter-se-á de ouvir. Com tudo isso, porém, não quero dizer que seja sómente o sertanejo o unico superticioso que temos aqui no Estado: ha familias distinctas, que possuem conhecimentos relativamente bons e que tendo uma instrucção acima do nivel normal, são supersticiosos; mesmo altos magistrados, que devem, pela natureza da sua profissão, ser isentos de tudo isso, são extremamente supersticiosos. O numero 13 é, como todos sabem, um numero máo, que já tem dado margem a muito absurdo. Conheço um distincto advogado aqui em São Paulo, que recebendo a sua nomeação de juiz no dia 13 de Dezembro do anno de tantos, aconselhou-o o seu superior em ordens não acceital-a devido ao numero 13. O interessado que era moço e querendo fazer carreira, não deu ouvidos a tal conselho pouco amavel. Deu-se, porém, que depois de casado, o primeiro filho deste advogado nasce quatro annos, justamente, depois de sua nomeação — no dia 13 de Dezembro. A' participação do nascimento acompanhava

a seguinte nota: O que devo, conforme sua sábia opinião, fazer com o meu primogenito, nascido no dia 13 do corrente mez? A resposta não veio! Teria ella talvez sido: Enforque-o! Este numero fatal, porém, pertence á superstição européa, e não nos incomodaremos com elle. Seguindo no nosso assumpto, o que diz respeito ao Estado de S. Paulo affirmo, que temos bem poucas superstições originaes; a maioria das existentes são provenientes de tres fontes bem distinctas: 1) do Européo, principalmente trazidas pelo Portuguez, 2) do Africano, trazidas pelos escravos, e 3) as de origem do gentio, do indio.

Eu classifico as superstições correntes do nosso Estado em cinco cathogorias, a saber:

1) — Da primeira fazem parte as de origem religiosa, seja ella da crença do brasileiro civilisado ou do brasileiro bravio.

2) — Na segunda entram as superstições nas quaes representa o homem o papel mais saliente; nesta cathogoria está incluída toda a crença religiosa.

3) — Pertencem á terceira, quando o animal é factor principal do assumpto.

4) — Na quarta entram as superstições nas quaes a planta assume o papel mais proeminente.

5) — Finalmente trata a quinta cathogoria das cousas inanimadas, quando estas apresentam um papel distincto.

Tratarei em primeiro logar das superstições religiosas, prevenindo, porém, que não me expandirei demasiadamente no assumpto para não offender susceptibilidades; não quero que pessoas ignorantes, que porventura lessem esse trabalho, tivessem motivo para julgar que pretenda zombar de certos usos entranhados nos nossos costumes. Em todo o caso tenho motivos poderosos para poder affirmar positivamente, que si se quizesse organizar de novo uma crença catholica conforme as opiniões correntes dos nossos caboclos, a actual, passaria por muitas modificações; elles, os caboclos, haviam de incluir na sua reorganisação uma porção de feitiçarias, de necromancia, de capnomancia etc.

Ha alguma cousa de verdadeiro na affirmação de um crente, meu conhecido, dos sertões sul-paulistanos, quando me dizia que lhe parecia se ter modificado muito a actual religião catholica de uns annos para cá! Sim, ella modificou-se bastante no interior do nosso Estado, principalmente nos vastos sertões, pela simples razão de especularem certos sacerdotes pouco escrupulosos com a boa fé dos pobres crentes, sabendo elles perfeitamente que o *co-bre* só se ganha com maior facilidade empregando-se a superstição junto com a verdadeira palavra de Deus. Os

pobres ignorantes, nunca tendo tido uma instrução religiosa e considerando geralmente o padre como *homem santo e immaculado*, incapaz de proferir uma inverdade, julgam que os ditos do sacerdote sem escrupulo, fazem parte da religião; é assim que se architectam novas ideias e a crença toma uma outra direcção.

Superstição religiosa haverá sempre emquanto houver homens no mundo e affirmo cathegoricamente, que duvido que haja um unico crente, que não tenha um certo *que* de supersticioso!

Tratemos* em primeiro logar da *mythologia indigena*, que passou a ser superstição entre nós.

Couto de Magalhães cita no «*Selvagem*» a lenda do *Cahapóra* ou do nosso *Caipóra*. Uma pessoa é *caipóra* quando tudo lhe corre mal, quando todo e qualquer emprehendimento toma um rumo diverso ao almejado. O vulgo diz, que ninguem deve proferir a palavra *Caipóra*, pois si assim fizer, tornar-se-á verdadeiramente infeliz.

O *Cahapóra* do indio, do pagé, é o genio protector da caça do matto, elle é tão máo, tão perverso, que nem siquer póde ser visto, sem que traga a infelicidade para quem o enxergar. Elle mostra-se sómente, em occasiões criticas, aos animaes, quando o caçador malevolo pretende exterminar por completo uma porção de caça, um bando de porcos do matto, em um dado momento. Elle é, diz a lenda, um grande homem, coberto completamente de pellos pretos, lustrosos, como se tivessem sido untados; vive montado no seu animal predilecto, no *caitetú*, num porco monstro; é taciturno, e de vez em quando grita para impellir a vara que segura constantemente na mão.

O nosso *caipira* corrompeu esta lenda, ora transforma o *Cahapóra* em *Lobishomem* ora em *Sassi*, e quando elle passa por um matto escuro, tenebroso e quieto e ouve casualmente o grito de uma coruja ou animal qualquer, diz que por ahi anda o *Lobishomem* ou o *Sassi*.

Quanto a este ultimo, bem poucas vezes lhe são attribuidas as maldades do *Cahapóra*; geralmente elle é descripto como um *homemsinho*, *pretinho*, que não faz mal a quem quer que seja, não acarreta prejuizo ao viajante, troca-o sómente. Ora sóbe a uma arvore na beira do caminho, sacudindo-a fortemente, ora engarupa-se no animal do cavalleiro fazendo cocegas no primeiro, afim deste *pinotear*, ou tambem faz fogo com o isqueiro para metter medo ao transeunte.

O peor mal que ouvi dizer que tivesse feito, foi ter *desencilhado* um animal que um cavalleiro tinha prendido

a um moirão do pasto, tendo escondido a sella em logar aonde o cavalleiro nunca esteve.

O melhor modo de se ver livre deste diabinho é não fazer caso delle. Geralmente o caipira receia o Sassi. Conheço um caboclo, morador nas proximidades de Santo Amaro, aqui no municipio de S. Paulo, caboclo este muito supersticioso; tem um filho de uns 16 a 18 annos de idade, que alem da extraordinaria perspicacia que possui é dado a pandegas. Sabendo o filho quaes as fraquezas do velho, como é grande o seu medo para com o Sassi, e querendo se ausentar da casa paterna durante a noite, geralmente sahe dalli a pretexto de falar com fulano ou sicrano. Só no dia seguinte elle volta, alegando que, tendo visto o Sassi, de medo retrocedeu. O velho que de esperto nada tem, acredita-o!

Seja-me licito observar aqui, que tambem eu já passei por ser Sassi, e não á noite, mas ás 2 horas da tarde de um lindo e esplendoroso dia de sol. Fui a S. Amaro, afim de dirigir-me a um sitio proximo, distante 2 a 3 legoas; eu vestia, como de costume, um terno de roupa preta e devido aos ardentes raios solares, tinha trocado o pincez usual por um de vidros pretos.

Depois de ter vagado algumas horas, verifiquei que tinha perdido o caminho, o rumo me era desconhecido, estava completamente desnortado. No intuito de encontrar-me com algum benevolo caipira que me indicasse a verdadeira vereda, prosegui. Finalmente avistei ao longe um carro de bois, vindo, como de costume, bem devagar; dentro delle dormia, socegradamente sentado, um rapazola de seus 20 annos de idade. O caminho era tão estreito, que só o carro podia passar, e alem disso as enxurradas já tinham-n'o aprofundado sensivelmente, de forma que de ambos os lados haviam altos barrancos. Colloquei-me sobre um delles e perguntei, ao approximar-se o carro, pelo caminho certo. Immediatamente o caipirinha poz-se de pé sobre a meza do mesmo e investiu com o *chucho*, com a vara de tocar os bois, contra a minha inoffensiva pessoa, chorando e gritando ao mesmo tempo: *Sassi me mata, Sassi me mata!* Meio minuto depois não vi mais o meu homem, o carro de bois sumira-se e eu sobre o barranco, possuido da mesma duvida para onde seguir!

Uma outra lenda indigena, que já entrou, aliás muito esparsa na nossa superstição é a lenda o *Uayára*. O *Uayára* é um ente no qual se transformou o peixe conhecido pelo nome de Boto ou Delphinus (*Delphinus delphis*). Este ente é um grande amante das nossas indias e principalmente das caboclinhas de lindos olhos de jaboti-

cabas, bellos cabellos pretos e de dentes alvos como um collar de perolas. Muitas indias attribuem o seu primeiro filho, o primogenito, a alguma velhacaria do *Uayára*, deste deus conquistador, deste Cupido inconsciente, que as surprehendeu no delicioso banho, ou que se transformou na figura de qualquer mortal para seduzil-a, ou mesmo que as arrebatou para debaixo de alguma onda fresca, em cujo logar a pobresinha foi trahiça.

Assim é, pois, que quando uma caboclinha tem um filho de pai desconhecido, os visinhos intrigados com a questão — sempre estes máos visinhos! — dizem com ar de graça: *Foi o boto*.

Nas nossas superstições entram ainda, provenientes do indigena, o *Boitatá*, que é o genio protector dos campos e o *Corrupira*, o Deus amante das sylvas. Me é, porem, no momento, impossivel citar factos relativos a estas duas individualidades, não me occorrendo dados sobre o assumpto.

* * *

Vejamos agora algo sobre a verdadeira religião catholica. Não perderei tempo com o *S. Roque* que é o Santo contra o engasgo. Si alguém se engasgar com uma espinha ou com um pedaço de osso qualquer, prevalesça-se deste benemerito, chamando-o pelo nome, que o engasgo passará; tambem não quero citar factos sobre a *Santa Barbara* e *S. Jeronymo* que são os Santos contra o fogo e a trovoadá, mas quero demorar-me mais com o sympathico frade lisboêta, que é o padroeiro das moças enamoradas, com o proverbial Santo Antonio. Uma réza a este benemerito, basta uma résinha, para que o moço pretendido fique querendo bem á apaixonada. Não é, porém, absolutamente raro que este Santo, talvez caceteado por tanta moça bonita, faça *ouvidos de mercador*. A sua imagem é então collocada com a cabeça para baixo e dizem certos supersticiosos que já a ameaça de pol-o com as pernas para o ar é sufficiente para ser attendido. Quando este Santo é, porém, intransigente, sabendo, provavelmente, que as exigencias da moça não encontram apoio junto aos pais, elle é amarrado, é surrado e muitas vezes quebrado e jogado ao fogo e mesmo ao fundo do bahú.

Sendo a imagem de barro, o innocente Santo é moído, é reduzido a pó; deste pó são feitas pillulas e ingeridas! Conheço dois casos sobre esta superstição que deram resultados negativos e que são bastantes chistosos, para serem aqui relatados. Numa cidade do interior do nosso Estado — cujo nome não vem ao caso — havia uma mo-

cinha, que eu conheci, bellissima de rosto, nulla, porém, de espirito; coitadinha, era muito tôla. Apaixonou-se por um rapaz, que sendo intelligente não a queria como esposa por ser ella bem mediocre. Ella, porém, para chegar ao fim desejado começou a rezar ao Santo Antonio. A reza, a continua reza, a este bom santo tornou-se-lhe talvez enfadonha, e querendo incurrir o processo, escreveu a respectiva oração numa tira de papel e enfiou-a na parte ôca do santo casamenteiro. Ahí ficou até que um certo dia, querendo a familia transferir a residencia para outra localidade, fez leilão dos seus bens e junto com elles foi o oratorio da familia. O papel com a réza foi achado pelo arrematador, que infelizmente não teve a discreção sufficiente para guardar segredo. O amor da moça tornou-se desde então publico!

A segunda anedocta é que estando a ser surrado sobre o peitoril de uma janella por uma apaixonada, o Santo cahiu na rua, adiante dos pés de um rapazola elegante e rico. Querendo este saber quem foi que commettera tal sacrilegio olha para cima, depara com uma bella moça na janella, rubra de pudor. Apaixonando-se por ella, pede-a em casamento e hoje são felizes, apezar de que este rapaz não era o desejado!

Uma outra superstição religiosa, que tive occasião de observar muito, durante as minhas viagens ao sul do Estado, é a *dança de S. Gonçalo*: Quando uma sympathica caboclina pretende se casar com um rapaz de seu gosto, mas que a sua paixão não é correspondida, quando o velho pai de familia teme que as suas insignificantes plantações não produzam, ou quando alguém deseja que certos empreendimentos succedam bem etc., promete-se ao S. Gonçalo uma dança e quanto maior for o valor da promessa, tanto maior será o numero de voltas que se dançará.

Vejamos como é executada esta dança.

Sobre uma meza, em cima da qual é estendida limpa toalha e sobre esta ardem algumas vellas, é collocada a imagem de S. Gonçalo. A's vezes figuram duas imagens, uma maior, e outra menor. Perpendicularmente a esta meza, que faz as funcções de altar, formam-se duas fileiras de dançantes; de um lado só estão mulheres, do outro só homens, no extremo de cada fileira, opposta ao Santo, collocam-se dois violeiros, cuja missão é marcar a dança, tocar e cantar.

Quanto maior for o numero dos dançantes, mais demorada é a volta, pois cada par precisa fazer sósinho as figuras prescriptas pelos violeiros e sendo estes bons *Sãogoncalistas*, fazem uma infinidade de figuras, que podem juntas

durar pelo menos 5 a 10 minutos. A primeira *volta*, só está terminada depois de terem todos os pares dançado as figuras préviamente prescriptas. Si estão reunidos 25 pares a volta póde durar de duas a quatro horas.

As figuras consistem em uma porção de reverencias reciprocas dos dançantes aos não dançantes e finalmente reverencias ao Santo, com benzimento.

Não é absolutamente vedado aos dançantes se refrescarem com bebidas ou regalarem com iguarias, o que corre por conta do que faz a promessa, e apesar de ser dança religiosa, torna-se ella uma especie de divertimento aos convidados, que, não raro, retiram-se ás 2 ou 3 horas da tarde do dia seguinte, para as suas moradas, devido ao numero de voltas promettidas e de dançantes convidados. E' digno de nota, que nesta dança existe geralmente grande respeito e as conversas equivocas desaparecem.

A lenda diz que São Gonçalo fôra dançador e que para penitenciar teve pregos nas sólas dos sapatos cujas pontas feriam-lhe os pés. A elle attribue-se muito boas qualidades, attribuições estas cantadas pelos violeiros numa monotonia enfadonha: Ora, é casamenteiro, e assim cantam estes:

São Gonçalo do Amarante
Casamenteiro das velhas
Porque não casais as moças
Que mal vos fizeram ellas!

Ora elle é padre:

São Gonçalo já foi padre
Na Egreja de Roma
Onde elle fez casar
Nosso querido Santo Antonio.

Elle é um excellente Santo, pois o seguinte verso nos conta disso:

São Gonçalo é bom santo
Livrou o seu pai da forca
Livrai-me, santo, livrai-me,
De mulheres de má bocca!

Ah! si assim fosse! quanta gente não faria uso deste versinho!

Apezar de ser bom santo elle pode tornar-se raivoso, parece ser um tanto irascivel, pelo menos deduz-se isso do seguinte verso:

Si fores a S. Gonçalo
Trazei-me um cacho de uvas
Si elle ficar com raiva
Dizei que já estão maduras.

Elle tambem é rheumatico, as seguintes palavras nos ensinam isso:

São Gonçalo cahio
Por morar perto do rio
Santo da minh'alma
Que não morra de frio!

Elle faz concurrencia a certos medicos especialistas; é parteiro, mas parece que ninguem cogita em processal-o como curandeiro:

São Gonçalo tem rasgado
Sola dura de sapato
Sómente por visitar
Mulheres que estão de parto.

Finalmente seja-me permittido citar um dos versos que são cantados por violeiros gaiatos, versos estes, porém, condemnados pelos maiores adeptos da dança, arriscando mesmo aquelles a propria individualidade com uma tremenda surra de páu. Eil-o:

São Gonçalo de Amarante
Feito de nó de pinho
Dai-me força nas canellas
Como porco no focinho.

Ha muita gente, que vendo esta dança qualifica os dançantes de estupidos, barbaros etc. Não sou desta opinião, acho, que não se levando a superstição em consideração, esta dança é antiga, tem consequentemente direito de tradição; as tradições, no meu modo de ver, quando a ninguem prejudiquem, devem continuar a existir.

Poderia citar ainda uns 50 destes versos, que são cantados nas danças de S. Gonçalo; como, porém, vou tratar de outros assumptos com a mesma minuciosidade, prefiro interromper aqui, podendo mais tarde fazer uma conferencia especial sobre as danças paulistanas, poesias e cantos de nossos sertanejos. Sómente o que não entendo, é o que estes versos tem com toda a cerimonia. Julgo que os mesmos foram introduzidos posteriormente, devido á monotonia da dança e sendo, geralmente, o assumpto da promessa um segredo, principalmente quando se faz dançar um S. Gonçalo para se realizar um casamento desejado, fazem os violeiros toda sorte de improvisos para não cançar tanto os dançadores.

A este capitulo pertence tambem a lavagem do S. João feita na madrugada do dia 24 de Junho. Ha para esta festa, geralmente um festeiro, que convida os amigos e conheci-

dos para festejarem o proverbial Santo. Depois de um bom fandango (dança original), de uns gostosos valsados, seguem os amigos do festeiro em procissão ao mais próximo correço, carregando o Santo em andor. Chegados ao rio ou aguada qualquer, é tirada uma bacia de agua e com esta se lava o rosto do Santo. Parece-me significar isso uma especie de baptismo. Até aqui a festa é tradicional, depois vem o assumpto supersticioso: Os presentes olham então para a agua e aquelle que não vir a propria imagem refletida no limpido liquido morrerá no mesmo anno! Depois desta cerimonia vai-se á ceia. O acaso fez com que a superstição se firme mais ainda na crença do povo; si por mera fatalidade vier mesmo o individuo a morrer, os adeptos desta superstição acreditam ainda mais na sua infalibilidade.

Sabem os meus ouvintes qual o motivo porque o caipira nunca queima páu de Cedro (*Cedra* *brasiliensis*)? Talvez esta superstição seja bem pouco conhecida em o nosso meio civilizado. Sempre reparei que nunca se queimava esta madeira, o menor galho não entrava no fogão, preferindo o caipira deixal-a apodrecer. Insistentes ordens minhas para mandar inutilisar uns troncos de Cedro no meio do caminho em minha propriedade aqui perto de S. Paulo, eram sempre desrespeitadas, até que o ordenei positivamente. A resposta que tive foi então a solução do problema sobre o qual tinha meditado tantas vezes. O camarada interrogou-me, com um ar de receio, si eu não temia queimar madeira da qual foi feita a cruz de Nosso Senhor Jesus Christo!

* * *

Dou por concluido este primeiro ponto e entro no capitulo em que o proprio homem figura como agente principal da superstição. São bem poucos os casos que me occorrem no momento.

Em primeiro lugar são as curas *extraordinarias* no homem que não devo deixar desappercebido neste capitulo, si bem que poderiam certos casos figurar sob outros capitulos por mim emittidos: Ouçam os senhores medicos presentes e tomem bem nota da receita.

O cobrêlo é uma molestia muito conhecida no nosso meio, denominada pelo medico *herpes zoster*. E' um incommodo cujos symptomas são pequenas bolhas de liquido na cintura ou mesmo em outras partes do corpo, e é uma molestia desagradavel. O seu tratamento é com agua zincada. O caboclo e outra gente boa ignorando, porém, esta remedio escreve sobre o logar affectado, para alivio do mal,

uma porção de vezes *Ave Maria*, *Ave Maria* ou mesmo *Cobrêlo*, *Cobrêlo*, *Cobrêlo*; o remedio é efficaz, si a tinta de escrever não infeccionar o corpo doente.

Hemorrhagias curam-se, tambem, muito simplesmente e dizem os conhecedores da formula, que não devem ensinar-a a quem quer que seja, pois si assim succeder a força da formula fica perdida para o proprietario e se transmite ao ensinado. Esta formula é falada muito baixo, como todas as outras empregadas nas diversas superstições. Consiste, pois, o estancamento da hemorrhagia em rezar perto da ferida algumas vezes o *Padre Nosso* até o *pão de cada dia nos dae hoje*. O velho caboclo que me contou este processo tinha já perdido a força de sympathya, por isso poude-me explical-a.

Na Ribeira de Iguape, nesta adoravel zona, affirmam os supersticiosos, que um purgante só faz effeito, collocando-se em baixo da cama do paciente o côpo pelo qual elle tomou o remedio.

Para o gaguejo existe tambem um bom tratamento: o gago deve beber agua benta da campainha do sachristão. Ouvi, porém, só uma vez ser mencionada esta superstição e isto mesmo quando estive perto dos limites de Minas Geraes; ouvi, porém, dizer, que nos sertões de Minas, esta cura é muito corrente.

O povo ignorante dá muito credito ao *Quebranto*. Este mal nada mais é do que um máu olhar, chamado tambem *afito*. Além de se afirmar que o *afito* nas crianças é proveniente da lua, diz-se geralmente que só mulheres velhas e feias, principalmente as pretas, que andam de mulletas e são corcundinhas, põem o quebranto, isto é, enfeitiçam com um máu olhar alguma pessoa adulta e na maioria das vezes crianças de collo.

Para se tirar o quebranto de uma criança utiliza-se de diversos meios secretos, que tambem só são transmittidos de pai a filho ou de mãe a filha ou então da planta Arruda (*Ruta graveolens*), com cujo galho se passa, com as respectivas rezas, sobre cara e corpo do enfermo.

Occorre-me no momento uma historia que bem serve para illustrar esta superstição e que me contou pessoa educada do interior do nosso Estado quando conversavamos de superstições. Este senhor me affirmou que antigamente não dava credito algum a taes cousas, como «quebranto», «feitiçarias» etc., mas que hoje acreditava piamente no assumpto, podendo proval-o com factos dados na propria familia. Explicando-me a significação do quebranto disse julgar serem *fluidos magneticos* que saham dos olhos da pessoa que *enfeitiçava* e fundiam-se aos nervos do

quebrantado, sobre estes é que agia toda a molestia, definhando o corpo com rapidez. Minha filha, continuava elle, estava muito doente, devia morrer de um momento para o outro, ella não se alimentava, não dormia, chorava continuamente de fórma que nós, tanto minha mulher como eu, não sabiamos mais que fazer. Recebiamos, então, neste momento critico a visita de uma conhecida e esta vendo a criança, affirmou cathegoricamente que se tratava de «quebranto». Minha mulher insistia commigo que se chamásse uma preta ebria, a unica que existia no logar, para tirar o feitiço. Annuí, depois de muita relutancia, ao pedido, aliás muito descrente. Procurou-se pela preta, que foi encontrada, completamente embriagada e de tal fórma sem sentidos, que foi necessario trazel-a, quasi carregada, á minha residencia. Depois de lhe ter dado café forte, pouco a pouco ella voltava a si e só então entendeu o nosso intuito. Pediu um galho de Arruda e fechou-se no quarto, bem contra a minha vontade, junto com a criança. Eu estava de espia e constantemente observava pela fechadura todo e qualquer movimento que a preta fazia. Era um rezar sem cessar e de vez em quando passava o galho da planta sobre a cara e corpo da pequena, que então adormecera. Depois de ter rezado a fartar, durante duas horas consecutivas, ella, a ebria, chamou por minha mulher, dizendo que a criança achava-se sã e salva. Immediatamente a pequerrucha acceitou o peito e é hoje mãe daquelles tres rapagões que o senhor vê brincando no terreiro.

O meu sorriso expressivo de pessoa bem pouco crente deve ter desgostado immensamente ao meu bom amigo que interrompeu a conversa bruscamente, dizendo que podia acreditar si quizesse, porém, não estava obrigado a fazel-o.

A crença no quebranto prevaleceu-se aqui do acaso. Talvez fosse neste momento que a criança, pelo somno que lhe faltava, sentisse melhoras e agora acredita o bom homem na efficacia do medicamento e da reza. Foi uma crise que passou.

Contra o quebranto usa-se tambem de pequenas mãosinhas, com o punho fechado, denominadas *figas*, feitas de coral ou de azeviche e tambem ás vezes de qualquer metal de mais valor, dizendo-se que tendo a criança quebranto esta mãosinha racha ou quebra-se, principalmente quando a accção do feitiço é muito forte.

Diz-se, tambem, desta mãosinha que ella quebra ou racha tendo alguém inveja do possuidor.

Quanto ao quebranto utiliza-se o povo baixo de uns saquinhos presos ao pescoço, contendo uma formula ou mesmo uma reza, escripta sobre papel; algumas vezes se

encontra uma pombinha representando o Espirito Santo ou mesmo algum Santo qualquer. Encontra-se destes saquinhos de duas diversas especies: ou são de panno ou de couro. Quando de couro, este é feito pelo sapateiro e o dono da formula está de espreita afim de que este não possa ler o seu conteudo; si tal succeder a sua effiçacia perde-se immediatamenté.

Dentro destes saquinhos encontra-se tambem orações, rogando a protecção contra qualquer cousa ruim, p. ex., contra tiros, contra assassinatos, contra surras, etc.

Sobre a reza contra uma surra e combinada contra tiros posso contar tambem aqui uma pequena anecdota. Durante as minhas viagens tive um camarada de toda confiança, que era dado a valente. Tendo elle um destes saquinhos atado ao pescoço, gabava-se de ser intangivel. Eu propuz ao mesmo, afim de verificar si o possuidor tinha mesmo grande fé nesta sympathia, collocar-se perto de uma arvore, que eu o queria attirar com o meu revolver, para ficar conhecendo o esplendido effeito deste meio sympathico.

Naturalmente elle se oppoz a isto e semanas depois ouvi de terceiros que elle tinha tomado uma tremenda surra de páu. Interrogado por mim si o *caborge* de nada serviu, respondeu-me com toda a sinceridade, que fora eu que tinha quebrado o effeito da reza com o meu convite.

Assim acontece sempre com estes meios; si elles são inefficazes, alguém é incontestavelmente o culpado.

Devemos mencionar tambem aqui como se obtem molestias e como se pode morrer em pouco tempo: Ninguém abra os braços dentro de uma porta de forma que fique tocando os batentes da mesma; é um meio condemnavel pelos supersticiosos, pois desta forma adquire-se bem depressa molestia que só com custo pode ser curada; a especie da molestia, porém, não é mencionada.

Na visinhança de Limeira existe uma superstição que prohibe ás criadas ou pagens dizerem ás crianças confiadas a ellas: *não faça isso*. Dizem que as crianças morrem em bem pouco tempo. Exquisito! talvez seja por esse motivo que temos tantos meninos e meninas malcreadas e desobedientes!

Uma outra superstição que pertence a essa cathogoria, que é, porém, trazida do estrangeiro para o nosso meio, é o dormir de um enfermo com os pés para a porta do quarto. Dizem os supersticiosos que esta pessoa será logo transportada, como defunto, por ahi.

Desde que trato de defuntos, digamos de passagem, qual o motivo porque aqui entre nós sempre se observa

que o defunto seja enterrado no cemiterio com os pés para o caminho! E' para que elle ache logo a vereda que o conduz á vida eterna. Eu presenciei já uma vez abrir-se o caixão mortuario, no cemiterio, para ser verificada a posição dos pés; as pessoas que o carregaram se tinham esquecido, durante o trajecto, si era a cabeça ou os pés que elles conduziã na frente.

Além da superstição, empregando-se o Santo Antonio para se conseguir um casamento, existem no sertão diversos meios, uns mais innocentes, outros menos moraes. A maneira empregada pelos moços para fazerem com que certas e determinadas moças, as escolhidas do seu coração, se apaixonem por elles, diverge muito em os diversos lugares; citarei, porém, sómente alguns casos. Eil-os: Coase café pelo fundilho da propria ceroula usada no momento e serve-se-o á querida; ou toma-se algumas gottas de ourina da apaixonada, que se obteve de qualquer maneira sagaz, pondo-se-as sobre um pedaço de ferro magnetico que se tem sempre comsigo para o fim desejado.

Estas duas maneiras são receitas de primeira ordem, que me foram narradas, por um camarada, que me conduziu aos longiquos sertões do Paranapanema e que me affirmara ter conseguido com uma dellas os amores de propria mulher, quando ainda solteira.

Para um serviço contrario, para um moço se enamorar de uma moça, esta cõa café pela própria camiza ou então despeja-o por detraz, pelas proprias costas, aparando-o em seguida com um outro vasilhame, collocado previamente debaixo do assento.

Mulheres apaixonadas, ou mesmo mocinhas que quizerem angariar os amores de um homem, deitam tambem diversas gottas do sangue menstrual no café e dão-lhe para beber, naturalmente sem que elle saiba; diz a superstição que acontecendo isto ao proprio marido, recebendo elle este café da propria mulher, esta pode travar amores com terceiros sem se temer uma reacção por parte delle...

Quanto ao ronco ha uma receita estupenda: Não pode dormir a cara metade motivada pelo ronco do marido ou da mulher, vira-se o chinello com a sola para cima; esta manipulação é sufficiente para que o ronco desagradavel cesse immediatamente. Sobre este virar de chinello terei de citar mais tarde um factõ.

Tambem os criminosos têm as suas superstições; eu conheço bem poucas dellas, talvez os snrs. advogados presentes me poderão auxiliar em amplial-as. Quando um individuo é assassinado e cae ao chão com as costas para

cima, é virado incontinente pelo assassino profissional de forma que o ventre venha ficar para cima.

Diz o perverso, que, si o assassinado permanecer assim, digo, com as costas para o ar, elle, o perverso, não poderá sahir do logar e si o crime foi commettido em uma matta e elle, o assassino, tentar fugir, sempre voltará, mesmo depois de algumas horas, depois de vagar por aqui e acolá, depois de ter tentado achar o caminho certo para se esquivar, ao mesmo logar, sendo então preso.

Tambem dizem os supersticiosos, que quando um individuo é morto, é assassinado e o proprio sangue corre até os pés, este está pedindo vingança e os perseguidores dos assassinos não demorarão.

Para se afugentar ladrões é muito conhecido o systema de se collocar nas portas de entrada uma pequena cruz de madeira pregada com pregos ou 3 *H* escriptos com giz. Ladrões audazes, porém supersticiosos, collocam o chapéo ou então uma folha grande de qualquer planta sobre estes signaes, affirmando, que o diabo não os perseguirá, porque não os vê arrombarem, ou então não arrombam esta porta, mas sim penetram por uma janella na casa cubiçada. Estas tres letras, estes tres *H* para mim nada mais são do que a cruz mal interpretada, na qual falta o pé perpendicular, ou será talvez uma superstição tal qual vemos na Allemanha, principalmente nos paizes ultracatholicos, que em logar da cruz se escreve com giz 3 *K*, que significa «drei Könige», o symbolo dos tres magos da Palestina, que vieram ver Jesus Christo quando nascera.

Lá, estes tres *K* é tambem signal contra ladrões.

São estes os dados principaes que pude colher e que me occorrem no momento sobre a superstição quando o homem é o agente principal do assumpto; repito, que é difficil uma classificação exacta da materia, por servir muitas vezes um e o mesmo agente em diversas cathogorias. E' justamente devido a isso, que inclui certas superstições que deviam ser de especie religiosa na segunda cathogoria do meu assumpto.

* * *

Vejamos agora quando o animal é o agente principal da superstição: Como se curam animaes, quando doentes, broqueados ou soffrem de bicheiras? Ha diversos meios e si se quizesse syndicar donde estes usos e costumes vieram, creio que perder-se-ia o tempo. Tambem devo affirmar que muita cura, ainda hoje não provada scientificamente nas quaes o sol e a lua tomam papel saliente deve

ser considerada supersticiosa. Cito um exemplo para realçar esta minha affirmação. Quando os porcos soffrem de *sarna*, cura-se-os geralmente com *Pós de Joanna*, que nada mais é do que um preparado de sublimato corrosivo. Diz o caboclo, que nuncá se deve curar com o frio ou mesmo com chuva, a cura para ser efficaz deve ser feita com o sol quente.

Para se curar um animal doente, tristonho, que não quer tomar alimento algum faz o caboclo supersticioso um corte em forma de cruz no extremo da cauda do mesmo animal, e effectivamente... o animal continúa a emagrecer.

Para se curar *broens* nos cascos dos cavalloos ou muares, estes furos, geralmente produzidos por estrépes, dos quaes sahe um liquido seroso, conheço só um meio e si a memoria não me falha este meio é tambem empregado no Hindostão; pelo menos já li ou ouvi falar qualquer cousa sobre o assumpto, réferindo-se a este paiz dos *enigmas scientificos*. Consiste no seguinte: Colloca-se o pé do animal sobre o chão firme, préviamente limpo de qualquer vegetação e tirando o caboclo o seu indispensavel *facão* da bainha, traça com a ponta do mesmo um circulo ao redor do pé doente; depois de ter retirado o animal do logar, toma uma pá ou cavadeira e revira a terra dentro deste circulo, de forma que a parte superior do chão venha ficar por baixo, dizem os sabios da roça que em pouco tempo o animal sarará.

As bicheiras produzidas pela mosca *Lucilia omnivora* são muito frequentes aqui entre nós, principalmente em pastos sujos aonde as moscas, denominadas *varegeiras*, tem tanta occasião de encontrar animaes mortos e em adiantado estado de podridão.

Estas moscas põem nas feridas dos animaes, seus ovos, causando a evolução destes ahi uma especie de putrefacção dos tecidos. As larvas provenientes destes ovos deitados, que são em immensa quantidade, é que são as bicheiras e só desaparecem depois de um energico tratamento com creolina, mercurio ou mesmo com alcatrão puro. Pois bem, o caboclo poucas vezes usa destes meios ou por não acreditar nelles ou quando móra longe do commercio, não podendo adquiril-os por falta de tempo. Elle sabe perfeitamente que a molestia póde ser fatal e por desencargo de consciencia usa então das taes sympathias que são bastante interessantes para serem mencionadas aqui.

Um destes meios sympathicos, usado em quasi todo o nosso Estado consiste em se tomar uma palha de milho, tirar della uma pequena fita e fazer nesta um laço rouxo, sem apertal-o. Por este laço olha-se para a bi-

cheira e repete-se tres vezes a seguinte reza: *Augmenta bicho como augmenta o dinheiro nos dias santos dispensados.* Depois de se ter dito pela terceira vez a formula, o laço de palha é apertado com força e atirado por cima da cabeça para traz de si. Quem me contou esta formula foi um padre italiano com quem eu me dava no interior, e me parecia que este senhor ou acreditava nesta superstição ou tambem fazia uso della para ganhar mais respeito de seus parochianos. Elle me affirmou que já tinha visto se curarem animaes desta forma e acreditava *piamente* na efficacia do remedio.

O segundo systema de se curar bicheiras é o seguinte: em primeiro logar se observa de que lado do animal está ella collocada: si no quarto dianteiro ou trazeiro. Feito isto se colloca sobre o rasto do lado doente duas folhas de qualquer arvore, tiradas no momento, em forma de cruz, fixando-se-as com uma pedrinha para que ellas não saiam dalli com o vento. A cura é maravilhosa.

Pedindo a um caboclo me mostrassé como se fazia isto e ao mesmo tempo curasse um cavallo meu que estava no pasto, elle se negou peremptoriamente a fazel-o dizendo que seria isto tentar a Deus, visto eu não acreditar nesta sympathia o animal poderia morrer; seria, pois, conveniente cural-o com arsenico ou mercurio.

Quanto a *bernes* trata-se ou antes liquidam-se elles dependurando-se no pescoço do animal praguejado um saquinho de panno contendo 9 bagos de chumbo. Dizem os caboclos das immediações de S. Paulo que este meio é efficaz. Perguntando ao meu informante si o animal não sararia, si se tomassem 10 ou 11 bagos, disse-me que nunca fez tal experiencia, mas acreditava num resultado negativo, porque a crença do povo exigia 9 bagos e como os velhos já assim faziam, 10 a 11 bagos seriam demais para a cura.

Deve ser considerado superstição o tratamento de animaes *aguados*, por intermedio de uma sangria, que se executa no pescoço. Esta superstição é muito espalhada no nosso Estado e mesmo pessoas que se devia presumir possuirem maiores conhecimentos na zootechnia usam-na. O estar aguado do animal nada mais é do que um crescimento irregular dos cascos, geralmente devido a um excesso de marcha etc. e isto, certamente, não se pode curar sangrando um animal. Diz-se que, depois de uma sangria, quando esta é feita de um só lado, o animal fica sempre manco; para se evitar este inconveniente sangra-se o animal de dois lados. Não posso dizer, si isto é tambem superstição ou facto verificado praticamente.

São também interessantes as superstições que dizem respeito á cura de mordedura de cobras.

Corre como scientificamente experimentado ser de grande efficacia o figado de cobra como contraveneno para mordeduras deste reptil. Eu não posso acreditar absolutamente em tal affirmação, pois, eu mesmo fiz a experiencia em um cão no sertão, colhendo resultado completamente negativo. Quando me provarem o contrario, modificarei de bom grado o meu modo de pensar, e neste sentido o Dr. Vital Brazil, maior conhecedor das cobras paulistanas e descobridor do serum antiophidico, concorda perfeitamente commigo.

Dizem os caipiras (esta superstição é porém pouco commum), que quando uma cobra morde, deve-se-lhe cortar a cauda no comprimento de um palmo, e collocar este tóco sobre a mordedura; *o tóco chupará por completo o veneno existente na ferida* e o paciente não deverá em absoluto temer os efeitos do toxico. O interessante em todas as supertições é que se exige do paciente uma crença inquebrantavel no exito da cura; si o paciente vier a fallecer, foi simplesmente devido a não ter acreditado no medicamento.

Outro remedio, no qual muitos acreditam, para se curar o effeito da mordedura de cobra consiste no seguinte: O ferido deve repetir em seguida e por tres vezes: *não fui eu o mordido pela jararaca ou cascavel* (conforme o caso), *foi fulano ou sicrano* (citando geralmente o nome de um inimigo qualquer). Diz o supersticioso que o mordido salva-se e que o inimigo poderá ficar inutilizado si a dose do veneno foi demasiada. Incontestavelmente um excellent meio para se livrar de certos individuos que nos causam innumerados incommodos na vida!

Os benzimentos são frequentes n'estas occasiões e os charlatães perspicazes e especuladores se utilizam frequentemente dos meios que vou citar para ganhar bom *cobre*.

O benzimento pode ser feito por duas fórmas: ou o paciente está presente, ou o *benzedor* faz as suas curas de longe. No primeiro caso o benzimento é feito em cima da ferida e consiste em rezas, que também só herda um dos filhos, não se podendo saber o teor das mesmas, por ser segredo; no segundo caso, quando o doente não está presente, o charlatão envia-lhe um cópo de agua ou mesmo um *martello* de pinga, previamente *bento*, que deve ser tomado immediatamente, de uma só vez ou então conforme prescripção. Acontece também que o *benzedor*, o charlatão neste caso, bebe-o, sem dar remedio algum ao pa-

ciente. Geralmente o mensageiro é despedido com as seguintes palavras: *volte, que fulano está são e salvo, amanhã pôde levantar-se e ir ao trabalho.*

Contou-me um caboclo, morador num sitio proximo a Santo Amaro, aqui perto de S. Paulo, que quando mocinho fôra mordido por uma cobra, que foi immediatamente morta; era uma tremenda *Jararaca*. O curandeiro a quem se dirigira cobrou-lhe 20\$000 pela cura; annos depois pisou-se um dos seus filhos numa espinha de cobra, e envenando-se, teve de recorrer ao mesmo benzedor, que se fez pagar desta vez 50\$000. Reclamando ter pago pela primeira vez só 20\$000 e agora mais do que o dobro, retorquiu o celebre charlatão, que na primeira vez o nome da cobra lhe era conhecido, e que o benzimento era mais facil, sendo, porém, desta vez impossivel classificar a cobra pela espinha, pelo osso apresentado, o benzimento era difficilimo, consequentemente muito mais caro.

Não sei si de facto as espinhas das cobras são venenosas ou si temos de lidar com nova superstição; em todo caso, já vi muitas e muitas vezes o caipira atirar para longe de si ou para dentro de uma valla a cobra morta, dizendo, perguntado pelo motivo, que as espinhas são mais venenosas do que o proprio dente.

Uma outra cura, que não devo deixar de mencionar é a seguinte: depois de ter sido benzido o mordido ou depois de ter ingerido uma quantidade de aguardente com succo de Herva de Lagarto, Quasetunga etc., e ter sarado, 41 dias depois da mordedura ha uma desinfeção geral do corpo e da roupa que o mordido trazia na occasião, com fumaça de folhas e páus seccos sobre os quaes pousa a cobra que mordeu ou já pôdre ou já secca. Diz o caipira que esta é a cura final. Nunca pude descobrir o motivo desta desinfeção; porque 41 dias depois da mordedura? O individuo que me contou o caso era adepto deste modo de curar, mas não m'o podia explicar.

E' crença que sendo alguem mordido por cobra não deve contar a pessoa alguma este facto, senão morrerá infallivelmente, mesmo aquelles que presenciaram-no devem-se calar, para que o paciente não succumba. E' uma das superstições mais estultas que conheço, pois, quantas vezes se salvariam muitas pessoas mordidas, si tivessem o bom senso de pedir immediatamente um contra-veneno.

A cobra, commummente, offerece vasto campo para o assumpto de que trato no momento, e, si bem que o veneno, como me parece, pode causar ainda effeitos no corpo de um individuo depois de 30 annos de mordido, é absurdo se querer acreditar, como muitos caboclos presumem, que

o veneno da cobra principalmente o do Jararacussú, produza a morphéa! Também não creio, como um velhote me affirmára positivamente, que succedeu com a propria pessoa, que os cabellos e barbas caiam, e cresçam depois completamente brancos.

Desde que trato de cobras seja-me permittido intercalar aqui uma superstição corrente entre os caboclos e caipiras, que habitam as margens dos rios que affluem ao Rio Pinheiros, aqui perto da Capital: elles affirmam que a cobra Coral é a mais venenosa das nossas cobras; e que seis mezes do anno ella se utilisa da cauda e os outros seis mezes da bocca para morder! Como taes superstições absurdas nascem me é completamente inexplicavel; só pode ser proveniente de um cerebro pouco forte e pouco traquejado em raciocinio.

E' muito conhecida a lenda da cobra que procura o peito das mulheres ou mesmo a têta da vacca e de outros animaes que amamentam, para sugar-lhes o leite.

Uma pessoa do meu conhecimento, muito cheia de superstições, contou-me o seguinte caso, que aqui reproduzo para melhor illustrar esta lenda: Havia uma cabocla, que tinha um filhinho de mezes, cuja criança definhava de dia para dia, tendo ao mesmo tempo apparecido sobre o peito da mãe duas insignificantes feridinhas; não sabendo do que se tratava e presumindo estar a casa *enfeitada* resolveu mudar temporariamente de residencia para outro lugar. Ahi a criança melhorou sensivelmente, sarou por completo e as feridas sobre o peito da mãe desapareceram inteiramente. Voltando para a antiga casa, observou-se de novo os mesmos symptomas e pela segunda vez foi resolvida a mudança para outro lugar. Depois de ter a criança reconvalescido pela segunda vez e estando a familia de volta para a residencia effectiva, uma enorme cascavel *a cêrca*, querendo ataca-la. Uma boa pancada foi a recompensa da audaciosa aggressão, e, morta, deixaram o reptil na estrada. Desde aquelle tempo a criança gozou de saúde e não reapareceram mais as feridas no peito da mulher. Examinando-se a casa attentamente, verificou-se um logar liso, redondo, da grossura da cobra morta, numa das paredes exteriores da mesma. Logo veio á ideia a esta gente boçal que o que fazia definhar a criança era a cobra que vinha roubar do peito da mãe o seu leite, e que as duas feridas eram provenientes dos dentes do reptil em questão.

Diz o vulgo, que a cobra no sugar o peito de uma mulher dá a ponta da cauda á criança para chupal-a e não chorar, e que este chupar da cauda é muito prejudicial, aniquilando a criança em bem pouco tempo.

E' simplesmente incrível como esta superstição perdura no leigo, e é mesmo de se admirar como muito gente instruída acredita em semelhante cousa. E' simplesmente impossível se explicar aos adeptos desta superstição que a cobra não tendo bochechas não pode absolutamente sugar e si mesmo pudesse, o veneno mataria em bem pouco tempo o individuo de sua escolha, pois abrindo a cobra a bocca, as prezas venenosas saltam para fóra e haveriam de ferir forçosamente o peito da mulher que amamenta; além de tudo isso a parte cornea da sua bocca não se pode adaptar ao peito.

Esta mesma lenda existe para as vaccas, dizendo os supersticiosos, que as cobras procuram as vaccas no campo, sugando-as completamente sem deixar pingo de leite para os bezerros. Em geral ninguem viu tal facto e refere-se a fulano e a sicrano que o presenciaram, *que são pessoas de toda confiança*. Vai-se a fulano ou a sicrano para se obter informações; estes, por sua vez, dizem que ouviram o facto de outros e assim por diante. Só uma vez deparei com um destes individuos que me contou o facto da seguinte fórma, presenciado *quasi* por elle. Dizia-me o meu informante, que no sitio do pai havia no pasto um grande monte de cupim (Termes devastans) e que ahi, num buraco de tatú (Dasypus) retinha-se uma grande cobra, que ninguem, porém, tinha conseguido matar. Dava-se o caso, que uma vacca, que pastava no campo e que tinha cria, não queria sahir das proximidades do tal monte de cupim. O bezerro aniquilava-se de dia para dia e temia-se a sua sorte, não se sabendo a que attribuir este definhamento. Pessoa da familia querendo mungir a vacca depára casualmente com a cobra no referido logar e mata-a. A vacca não tinha, como de costume, leite e immediatamente occorre a esta pessoa que talvez a cobra a tivesse sugado. O reptil é aberto e do estomago escoo uma porção de leite ainda fresco. Desde aquelle tempo o bezerro tomou novas forças e restabeleceu-se por completo.

A pessoa que me contou esta historia affirma ter visto a cobra aberta e o leite perto della. Perguntando eu, depois de ter escutado pacientemente esta interessante narrativa, si a cobra neste caso tambem dava a cauda ao bezerro para sugal-a, respondeu-me o meu informante irritado, que eu sempre tinha alguma pillreria a fazer quando se tratava de assumpto sério.

Acredito que as cobras gostem do leite e sejam mesmo attrahidas pelo cheiro deste, e que devido a isso se tenha achado já por muitas vezes destes reptis nos quartos de

dormir de mãis que amamentam e que se deva attribuir a esse facto a lenda suprareferida.

Diz tambem o vulgo que uma cobra morta por alguém e jogada ao lado, attrahe o seu parceiro, podendo-se então matal-o com facilidade.

Conta-se sobre este facto a seguinte historia para provar a sua veracidade, que com tudo isso carece de confirmação: Um individuo matou uma jararaca e jogou-a diante da porta da propria casa afim de assustar a mulher. Esta sahindo para o terreiro grita incontinenti: fui mordida por uma cobra! O marido naturalmente soltou uma grande gargalhada, mas pela insistencia da mulher seguiu para o terreiro e verificou a veracidade da affirmação. Será este facto superstição ou assumpto que merece ser estudado? Eu não acredito nesta lenda, pois quantas vezes são mortas cobras e sendo largadas em logar transitado não é descoberto o parceiro! ou será devido a esse motivo que o caipira, quando mata uma cobra estica-a no meio do caminho para o cavalleiro apear-se e *rematal-a*?

Caçadores apaixonados dependuram nos seus cães de estima um *solimão*, quer dizer um saquinho de panno ou tubosinho de vidro contendo sublimado corrosivo, affirmando que esta materia afugenta incontestavelmente as cobras e livra assim os cães das suas mordeduras. Digam lá os senhores entendidos si isto é verdade!

Mencionarei ainda uma superstição sobre a cobra. Dizem as más linguas que o seguinte methodo é efficaz... para se saber si uma caipira tem saia ou não. Quando uma caipira ou uma cabocla é timida e topa no caminho com uma cobra venenosa e não tem coragem de matal-a, ella, antes de chamar o marido ou qualquer outra pessoa, levanta a saia de cima e dá um nó na saia de baixo, affirmando que a cobra não se meche, ficando completamente hypnotisada, podendo ser então morta com facilidade. Não sei si, quando a caipira não tem saia de baixo, o nó pode ser dado na camisa!

Passemos a outro assumpto:

A primeira segunda-feira de Agosto, vale como dia aziago, dia de má sorte para os caçadores. Dizem elles que a caça ferida por chumbo não morre, podendo mesmo succeder desgraça a si ou aos seus, si tentar neste dia tal divertimento. Contou-me um velho roceiro em Campinas, que tendo tido ensejo de ir nesse dia á caça mas não se lembrando da data, encontrou-se com uma bugia que amamentava o filho sobre o galho de uma arvore. A pontaria foi feita, mas immediatamente a bugia apresentou-lhe o filho como que pedindo misericordia. Independente disso o

nosso homem fez fogo e a bugia fica ferida. Esta, porém, toma immediatamente um punhado de folhas da arvore sobre a qual pousava, mastiga-as com avidez e colloca esta cataplasma sobre o logar ferido pelo tiro, fugindo em seguida sã e salva!

Estupefacto com o caso e ao mesmo tempo emocionado de ter atirado sobre a macaca, retrocede afim de voltar para a casa; no caminho uma cobra enleia-se nas pernas e si não tivesse sido a sua agilidade em jogal-a para longe com um grande impulso, ella teria-o picado. Só depois do caso verificou que tinha sido victima da 1.^a Segunda-feira de Agosto!

Jurou e cumpriu o juramento de nunca mais ir á caça neste dia.

Não são só os caçadores que se submettem a esta superstição, tambem os lavradores supersticiosos não commecam suas plantações ás Sexta-feiras.

Julgo, porém, que não fazer roças ou commecar um serviço qualquer numa Sexta-feira tenha um outro motivo bem differente daquelle que elles geralmente invocam: não é pelo motivo de ter sido Jesus-Christo cruxificado neste dia que elles descançam, é simplesmente por ser Sexta-feira dia bem proximo do Domingo e querendo vadiar pre-textam dia aziago. Tambem nas Sextas-feiras nunca o caipira commeca uma viagem ou mesmo faz qualquer negocio.

Tambem ás Quartas-feiras os supersticiosos não cortam as unhas ou os cabellos, o motivo desta superstição ignoro completamente; contou-me uma cabocla que na Quarta-feira da Semana Santa *não tinha perigo* que se penteasse, só se fosse preciso sahir de casa por negocio urgente.

* * *

Quem é que não conhece a pequena coruja, quasi que cosmopolita, a *Strix flammea*, da qual temos tantas aqui, principalmente nos logares ermos e lugubres do interior? Dizem os supersticiosos, que quando ha pessoa doente em casa e a Suindára vem pousar sobre o telhado da mesma, deve-se afugental-a, pois é mau indício, affirmando ainda que quando ella *fala* significa que a mortalha para o doente está sendo aprontada e logo sahirá um defunto da habitação.

Quando um beija-flôr entra na moradia e esvoaça daqui para lá sem achar a sahida, diz o vulgo que neste mesmo dia haverá briga entre o casal, e quando uma borboleta preta, sugando o nectar das flores, voa para todos os lados ou errando o caminho entra para uma casa, haverá muito em breve lucto nesta familia.

Ha ainda diversas superstições sobre passaros e borboletas na serie de superstições brazileiras, não me recordo, porém, no momento, de nenhuma dellas, sei, com tudo isso, que a côr preta tem uma profunda significação: o preto e o lucto são co-irmãos, e o caipira, não sendo educado como nós em distinguir côres, não faz muita differença entre o preto e o azul escuro, não as definindo bem, joga-as na mesma cathegoria.

Quem não conhece o nosso passaro Anú, ave esta que vive socegradamente sobre o gado nos campos, catando-lhe os incommódativos carrapatos? Sendo ave que habita exclusivamente os pastos, e vindo casualmente para num jardim dentro da cidade, logo se attribue a elle qualquer factu luctuoso que terá de soffrer a familia a quem pertence o jardim.

Os gatos pretos dentro de casa são prejudiciaes, familias supersticiosas não os querem, porque dizem que elles separam os esposos, que elles introduzem a desharmonia entre o casal.

Vejamos agora quanto á criação que vive e meche perto das habitações. Eu penso nas gallinhas. O caipira tem muita cautella em não arrancar as guias de um bonito gallo — as guias são as penas de fórmula de foicinha que adornam a cauda — diz elle que si ellas forem arrancadas o gallo perde incontestavelmente a propriedade de reproduzir a raça.

Dizem tambem os sabios da roça, que se deve ter o maximo cuidado quando se transporta ovos para serem chocados, todos os ovos que tiverem de ser transportados por agua, rio ou riacho qualquer, goram infallivelmente. E'-me um tanto incomprehensivel esta superstição, pois, sendo o caipira ou sertanejo geralmente um bom observador da natureza, devia já ha muito ter observado que este modo de pensar não tem cabimento algum. Talvez se podesse explicar este factu, si no transpor a aguada, os ovos fossem abalados; diz o vulgo que um abalo, mais ou menos forte, faz com que o ovo não gere. Quanto a esta ultima affirmativa tenho eu mesmo elementos de contestar; tambem isso deve valer como superstição: Já tenho mandado vir de longe ovos para a minha propriedade, que foram trazidos sobre animal trotão, depois de um transporte de estrada de ferro e de 2 horas de cavallo, e todos os ovos geraram.

Cito mais uma superstição sobre os ovos: Observando um certo dia uma caipira preparar ovos para chocar, vi que o marido fazia neste e naquelle uma cruz com carvão. No começo presumi que esta cruz fosse feita para afugentar o

diabo — o caipira tem ideias muito extravagantes, só sabe quem o conhece — mas, meditando mais profundamente sobre o assumpto e observando mais tarde a mesma operação, tive a curiosidade de perguntar qual o motivo desta cruz. O meu homem vacillou em me dar uma resposta, pensando, talvez, que zombaria da sua tolice; insistindo, porém, tive de ouvir o seguinte: Sou muito amigo de galinhas pampas, de gallinhas brancas e pretas e esta cruz faz com que as frangas provenientes destes ovos fiquem assim.

Não sei si esta superstição corre mundo ou tivesse sido inventada de momento, nunca mais ouvi algo della; duvido, porém, que tivesse sido concebida naquelle instante, pois o caipira que fazia as cruces sobre os ovos possuía phantasia em bem pequeno gráo para idear tal cousa.

Que as trovoadas são prejudiciaes a ovos que estão sendo chocados deve ser considerado tambem superstição, nunca observei semelhante coisa em criação alguma, como isso é, porém, superstição européa continuo em assumpto diverso.

Os pintos, quando de um certo tamanho, soffrem de uma infecção diptherica, denominada *Boba*, que consiste em a formação de bolhas na cabeça, cujo liquido e mesmo casca, quando seccando, é muito contagioso, morrendo grande quantidade de avesinhas. O caipira tem uma symphathia interessante para cural-a. A' noite toma-se um punhado de milho e colloca-se-o em qualquer lugar. Bem cedo, na proxima manhã, a pessoa que trata da criação, sem ter comido cousa alguma, sem ter falado com alguém, leva este montinho de milho aos pintos proferindo em seguida as seguintes palavras: *Ave Maria, Credo, que bôba!* e dizem os supersticiosos que a cura é radical.

Não ignoram os snrs. presentes como foi grande a praga de gafanhotos, ha dous annos passados, aqui no nosso Estado. Interessantes foram os meios que se empregou para afugental-os: Por diversas vezes vi proprietarios de roças rezar nos tres cantos das mesmas um Padre Nosso ou uma Ave Maria. «Qual o motivo porque o amigo não reza no quarto canto?» era a minha curiosa pergunta. A resposta era sempre a mesma: «no quarto canto sahe a immundice e si se rezar tambem ahi, a bicharada não tem lugar para fugir e faz maiores estragos!»

Tambem para attenuar a praga do temido Coruquerê, larva de uma borboleta que causa enorme damno aos algodoaes, faz-se a mesma operação e os supersticiosos acreditam piamente neste processo. Pena é que o ex-titular da pasta de Agricultura deste Estado, o exmo. snr. dr. Car-

los Botelho, não tivesse tido conhecimento deste meio tão efficaz, pois em vez de gastar 200 a 300 contos de reis com o exterminio do voraz orthoptero, podia ter empregado 20 a 30 rezadores e toda a *gafanhotada* teria sahido mais barata aos cofres publicos.

A maioria das vezes são estas rezas proferidas por verdadeiros charlatães, por caboclos finorios, que conhecendo perfeitamente a indole do povo e a sua grande ignorancia, tiram partido do acaso. Commummente são feitas estas rezas gratuitamente, os rezadores nada cobram por ellas, isto é, apparentemente, mas pouco a pouco vão tirando mantimentos e outros generos de primeira necessidade dos pobres crentes, que lhes são fornecidos de bem boa vontade em paga dos *relevantes serviços prestados*.

Si as rezas não são efficazes, logo é o insuccesso attribuido a qualquer incidente havido no decorrer da operação. Estas orações são feitas em geral em voz baixa e constituem um segredo, que passa tambem de pai a filho; não me constando que mulheres sirvam para taes fins. Ha, comtudo, rezadores, que acreditam nos proprios meios sympathicos, estes não são charlatães e não ha dinheiro que pague a revelação de tal segredo. Eu mesmo tive occasião de offerecer cinco mil réis a um destes rezadores, cheguei a offerecer até dez mil réis para obter a reza, mas assim mesmo não consegui o desejado, prova de que o individuo acreditava no meio que conhecia e não se importava muito com a offerta, pois, lhe teria sido muito facil me impingir qualquer reza, eu teria ficado convicto de que possuía uma formula efficaz contra toda e qualquer praga animal e elle, por cima de tudo isso, zombava da minha boa fé.

Depois de muito procurar achei finalmente um velho sertanejo, que me poudé dar o teor de uma oração contra taes pragas, dizia elle, que esta reza tambem servia para *afugentar* as tempestades, que estas tomavam rumo diverso, quando na estrada se rezava com todo o ardor. Fiz-me dital-a mas me foi impossivel fazer della alguma cousa que prestasse, o portuguez era tão pouco claro, que mesmo com a maior difficuldade não se pode reconstruil-a. E' por este motivo que não a cito.

Continuemos no assumpto. A este capitulo da minha exposição pertence o *bicho barulhento* e o *cavallo sem cabeça*. Sobre o primeiro, eu mesmo presenciei um factó que convem assinalar aqui; quanto ao segundo não tenho dados que possa citar. Viajando de Xiririca a São José do Paranapanema, por terra, a cavallo, pelo sertão inhospito, denominado *Sertão do Batatal*, passa-se pelo Rio das Mor-

tes, logar historico na mineração paulista. Diz a lenda que 40 bateadores de ouro ahi se assassinaram mutuamente, devido a grandes achados do precioso metal que fizeram no supra citado rio. Este logar passa por ser *assombrado*, existindo ahi o tal *Bicho barulhento*, que ninguem ainda viu, porém, cuja voz se ouve á noite e que é tão perverso que mata aquelle que o vir.

Devia pousar ahi, si as chuvas torrencias que cahiam incessantemente no dia da minha jornada, não tivessem parado. O camarada que me acompanhava disse-me positivamente que me abandonaria si eu persistisse nessa intenção. Felizmente ou infelizmente as chuvas cessaram e sem novidade alguma pudemos proseguir.

Sobre o tal Bicho barulhento o meu camarada nada me pode dizer. Eis ahi um facto que propalado de bocca em bocca torna-se, sem motivo algum, a causa de uma superstição. E' bem provavel que desta maneira se criam outras, cujas causas são completamente desconhecidas. Mesmo de outros lados não pude conseguir explicações sobre o tal Bicho barulhento; talvez que alguns do meus benevolos ouvintes possam me esclarecer mais exactamente este assumpto.

Ainda dou uma superstição, aliás pouco citada, que me occorre depois de já ter escripto factos sobre as gallinhas. Na minha propriedade aqui perto de S. Paulo tenho uma maior criação de aves; é muito natural, que entre ellas haja algumas que sejam mais alegres e que cantem sem o menor motivo durante todo o dia, principalmente quando se procede á distribuição do alimento; me affirmou um meu camarada, que era muito ruim ter-se em casa taes cantadoras, pois era certo que em pouco tempo morreria alguma pessoa de parentesco chegado da minha familia. Disse-lhe que a minha familia era tão grande, que annualmente morriam parentes chegados. A resposta foi muito concisa: mate, *seu* doutor, estas gallinhas, pois ellas são a causa de tanta desgraça!

Dou este capitulo por concluido e sigo aos dois ultimos por mim estabelecidos; delles não tendo muito a dizer, serei curto na minha exposição.

* * *

Em primeiro logar tratarei da planta quando esta é o agente principal da superstição.

Affirmam os meus collegas engenheiros, e isto geralmente de uma maneira positiva, que o Páu d'Alho, este magnifico padrão de terra superior, é desviador da agulha

magnetica. Já, aqui na Sociedade Scientifica, por proposta minha, nos interessamos pelo assumpto, mas este interesse parece ter sido momentaneo. Eu continuei a syndicar e encontrei na maioria dos collegas uma affirmativa favoravel; outros, bem poucos, negam a veracidade do facto. Pela minha parte, si a questão não se desvendar como assumpto supersticioso, o que é o mais provavel, acredito e affirmo o seguinte: O Páu d'Alho cresce somente sobre terra de superior qualidade, sobre terra constituída pela decomposição do diabase, que por sua vez nada mais é do que um conjunto de chloreto, ferro magnetico, ferro titanado e apatite, e é justamente neste conjunto que devemos encontrar a solução do problema: o ferro magnetico atrahê ou desvia a agulha! Si esta affirmação dos collegas é veridica, então transcreva-se o caso do supersticioso para a realidade; eu, porém, continuo a não acreditar nesta affirmativa. Com isso não quero contestar que hajam plantas que tenham a propriedade de accumular electricidade, tornando-se assim uma especie de pilha electrica, desviando ou attrahindo a agulha conforme a electricidade accumulada. Quanto ao Pau d'Alho, porém, não acredito que tenha taes propriedades. Dizem ainda outros engenheiros, que o Páu d'Alho, age ainda com maior actividade, sendo ferido com o machado! Isto, para mim, é absurdo e julgo que nunca poderá entrar na cabeça de pessoa que esteja habituada a pensar com mais ou menos logica.

Tambem já se discutiu o seguinte assumpto no nosso seio, negando-se tal affirmativa: os madeireiros, porem, independente das nossas discussões, continuam a affirmar que certas madeiras cortadas na época da mingoante não caruncham tanto como toda e qualquer madeira derrubada na lua cheia. Seria bom que se fizesse a experiencia practica deste assumpto de magna importancia.

Falando de arvores seja-me permittido dizer que em certos logares, na noite de S. João, no dia 24 de Junho, vêem-se muitas pessoas bater com varas nas laranjeiras, e de tal forma, que poucas folhas ficam nellas.

Perguntando-se a razão recebe-se como resposta, que assim se procedendo as laranjas tornam-se muito mais doces no anno vindouro. E' uma especie de póda grosseira que se faz, presumindo-se que a noite de S. João tenha qualquer influencia sobre a arvore.

Em muitas occasiões o leigo ignorante prevalesce-se de certas casualidades para ficar acreditando ainda mais em assumptos que pertencem á superstição vulgar. Visitando um caboclo, aqui perto de Santo Amaro, disse-me meio sentida a amavel dona da casa, no seu portuguez ar-

rastado, que estava certa, que alguém da casa morreria ainda durante o anno corrente. Porque? foi a minha laconica pergunta, *Ué*, retorquiu ella, *vancê parece que não tá vendo que as minha laranjeira tão morrendo! Isto é mau signar, dando-se este caso morre arguem da casa!* Minha resposta foi uma gostosa risada, mas factó é que o amavel caboclo morreu poucos mezes depois e todo o mundo ficou então acreditando no valor prophético das laranjeiras. Mal sabia a minha pobre instructora que as fruteiras da sua propriedade estavam todas atacadas da broca. Apesar de lhe ter dito isso na occasião em que ella me narrava o factó supersticioso, affirmava peremptoriamente que um caso nada tinha que ver com o outro.

Sabem os meus caros ouvintes, porque o lavrador boçal, o caipira e caboclo ignorantes não fazem as suas plantações de milho, feijão, etc. em linha recta? E' porque o diabo e as más almas ahi podem entrar com facilidade e destruil-as, ao passo que sendo as plantações feitas sem systema algum o caminho é mais difficil de se fazer e as plantações não são molestadas por entes *do outro mundo*.

Não é raro que as plantações praguejam, principalmente o feijão, que é plantado em quantidade, por ser o alimento principal da população roceira; as folhas são atacadas por um fungo que as pode aniquilar por completo, o que se dá tambem com as batatas etc. O caboclo ou caipira supersticioso toma então um punhado das folhas praguejadas, amarra-as com um fio de embira e pendura este feixesinho no fumeiro, acima do fogão da cosinha. Diz elle que desta fórma a praga cessa. E' em todo caso de se admirar que os nossos agronomos e phytopathologistas estudem tanto e nos aconselhem calda bordaleza, pulverisações com enxofre e arsenico sendo que sem estudar tanto com o microscopio existe um melhor e mais efficaz meio á mão!

Quem viaja pelos sertões do Paranapanema observa muitas vezes que certos pontos da estrada estão cobertos com cascas de Amendoim (*Arachis*); dizem os moradores daquellas bandas, que espalhando-se as cascas desta leguminosa pelas vias publicas as plantações crescem melhor e produzem mais.

O lavrador que procede a plantações de qualquer semente ou vegetal nunca fecha uma cóva sem pôr nella a respectiva planta ou grão, prefere que fique aberte, pois si assim fizer morrerá logo.

E' sabido que da arvore do Louro é difficil se obter mudas por intermedio de galhos. O caipira, que quizer obter uma boa muda de galho, plante na cóva deste tres grãos de milho que o ramo pegará.

Passo agora á quinta e ultima cathogoria do meu thema: Da superstição sobre as cousas inanimadas, quando estas representam um papel distincto.

Fallei de S. João, da proverbial festa. Todos sabem que era a festa mais querida entre o antigo povo das gerações passadas; hoje já não se festeja mais este Santo com tanta devoção, e francamente é de se lastimar que as lindas festas, as proverbias reuniões nas fazendas cedam ao passo civilizador que agora mais se sente aqui no Estado.

Dizia-se, e isto ouvi muitas e muitas vezes, que quem passar descalço sobre a fogueira de S. João não queimará os pés! Eu nunca vi ser executada tal affirmativa, pode bem ser que pretos, acostumados desde a mais tenra infancia a andarem descalços tivessem experimentado passear pelas cinzas ainda quentes da fogueira, não aconselho, porém, aos meus amigos semelhante experiencia.

As superstições que se ouvem na propria casa, dos domesticos ou na casa de amigos, são que mais se salientam neste capitulo: repito, que ellas poderiam ser intercaladas em os outros capitulos já mencionados, devido, porém, á classificação difficil do assumpto é que as colloco neste ultimo.

Quem estiver perto de um espelho, junto com uma criança e arregalar os olhos esteja certo que a criança tornar-se-á muda.

Quem fôr mordido por cobra e tiver um bico de Inambú em seu poder, amarre-o por cima da picada que ficará curado em bem pouco tempo.

Quem varrer o cisco na propria casa, de dentro para fóra ou quem tiver a pouca cautella de virar um banco com as pernas para o ar, pode estar certo de que a infelicidade entrará para dentro da casa com passos largos.

Quem quizer crescer mais, suba num cofre de dinheiro, que em pouco tempo ficará alto.

Quem se quizer livrar de verrugas tome um vintem (de cobre), esfregue-o sobre as mesmas, vá a casa de um visinho, bata na porta e quando ouvir passos jogue a moeda no corredor.

Quem achar uma porteira de uma fazenda aberta, não a fêche, pois lhe será prejudicial á saude e poderá morrer logo.

Não vire o pão ou uma caixa de phosphoros com a parte de baixo para cima, que poderá morrer em breve.

Quantas vezes não se observa dependurado numa cerca ou fincado numa vara do quintal uma caveira ou chifre de

vacca! Todos nós sabemos que estas caveiras servem para evitar que praga ou que as más almas entrem e damnifiquem as plantações. Será talvez esta superstição proveniente da Africa, será ella a mesma que Max Buchner ob'servou em Lunda e não sabendo para que servia, suppôz que fosse uma prevenção contra raios e trovoadas? Ainda ha bem poucos annos se observava aqui em S. Paulo, na rua Quintino Bocayuva nas portas de armazens portuguezes a mesma caveira pregada. Talvez seja ella prevenção contra toda e qualquer infelicidade.

Uma superstição que ainda não pude comprehender é o pregar de uma moeda de 10 réis, na soleira das portas ou sobre os balcões de vendas. Será talvez para não entrar dinheiro falso na gaveta?

Quando eu no anno atrazado viajava pelos vastos sertões do Rio Paranapanema, recebi de presente, de um sertanejo, um bello guizo de cascavel, dizendo-me o doador, que estes guizos tem diversas propriedades admiraveis entre as quaes devia-se salientar como principaes: remedio efficaz contra dores de dentes e contra sarna de cachorro.

O guizo, como medicamento, devia ser torrado, soccado e então posto o pó no dente ou misturado na comida dos cachorros. Na primeira das hypotheses o dente arrebentaria por completo e na segunda a sarna cahiria immediatamente morta. Tambem collocado o guizo dentro de um violão ou rebecca, o instrumento ficaria com um som melhor e mais melodico. Mas a principal propriedade era verificar numa pessoa si ella soffria de ataques, si eram elles provenientes de catalepsia ou não. Si os ataques fossem catalepticos, o guizo, collocado sobre a testa do individuo, ficaria preso á pelle, si não o fosse, cahiria immediatamente. Eu me ri desta affirmativa e colloquei-o na minha testa, ficando elle immediatamente preso. Espavorido, disse-me, que eu devia soffrer de *ar*. Contestei-o, dizendo que nunca tive um unico ataque. «Então os seus ataques devem ser á noute, este meio nunca engana!»

Vejo que me tornei extenso de mais, acredito, que algum dos benevolos ouvintes, talvez aborrecido das minhas receitas e affirmativas, tivesse ido ao fogão da casa deitar um punhado de sal ao fogo ou mesmo ter virado a vassoura com o cabo para o chão, como se faz quando se quer ver livre de um hospede importuno; mas eu já acabo, peço apenas um momento de paciencia.

Quem não conhece o «Folk-Lore», que é uma das partes integrantes da anthropologia, dirá talvez que tenha occupado o precioso tempo do distincto auditorio com assumptos banaes e sem valor. Pode ser, meus senhores,

que devido ao pouco talento que tenho em me exprimir por intermedio da penna, tivesse tornado esta exposição bem enfadonha; a superstição e o povo é um conjuncto inseparavel e para se conhecer qualquer povo é necessario conhecerem-se seus costumes, suas superstições, e sendo assim e acreditando mesmo que entre os meus distinctos ouvintes haja alguns que conheçam bem este assumpto, espero que estes tambem venham emittir as suas opiniões sobre este problema completamente novo no nosso meio.

Quanto a mim, peço somente desculpa de ter-me atirado a um estudo, que não faz parte da minha profissão

S. Paulo, em Setembro de 1908.

Nota. — Não cito aqui as superstições do jogador, os taes palpites para o jogo, ligados com sonhos, etc. devido ao pouco conhecimento que tenho da materia e, serem, a meu ver, bem pouco originaes.



Instituto Hercule Florence
de Estudos da Sociedade e Meio
Ambiente do Século XIX Brasileiro

ORIENTAÇÕES PARA O USO DOS ARQUIVOS DIGITAIS

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence ao Instituto Hercule Florence ou a instituições parceiras. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a autenticidade e a integridade da fonte, não realizando interferências digitais além de ajustes de contraste, cor e definição.

1. Utilizar este documento apenas para fins não comerciais

Os textos e as imagens publicadas no IHF Digital são de domínio público, porém seu uso comercial não está autorizado. Alguns textos e imagens provêm de instituições parceiras e somente poderão ser utilizados após consulta (contato@ihf19.org.br).

2. Créditos

Ao utilizar este documento, você deve dar o crédito ao autor (ou autores), ao IHF Digital, ao acervo original e ao autor(es) da reprodução/tratamento digital. Solicitamos que o conteúdo não seja republicado na rede mundial de computadores (internet) sem prévia autorização do IHF e/ou da instituição parceira.

3. Direitos do autor

No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Se você acreditar que algum documento ou imagem publicada no IHF Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (contato@ihf19.org.br).

4. Responsabilidades

O IHF reserva-se o direito de alterar o conteúdo do site, sem necessidade de aviso prévio, assim como rejeita qualquer responsabilidade pela utilização não autorizada do conteúdo deste site por terceiros.